

Resenha

- ✓ CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020. 136 p.

■ Cristiano Ruiz Engelke

“A Europa é indefensável”, proclama Césaire. A catástrofe colonial é descrita nesta obra a partir dos olhares de um grande poeta e político, participante importante das lutas anticoloniais a partir do pós-guerra. Aimé Césaire demonstra a cruza e crueldade do processo de colonização e como foi e é normalizado através de pensadores, escritores, historiadores, psicólogos, sociólogos. A primeira edição da obra *Discurso sobre o Colonialismo* ocorreu em 1950, e de acordo com seus biógrafos, Roger Toumson e Simone Henry-Valmore (citados por Rogério de Campos na cronologia de Césaire no final do livro), a segunda edição lançada em 1955 faz com que o livro se torne “a bíblia de todos os militantes anticolonialistas em luta contra a dominação contra a dominação europeia” (p. 109).

Discurso sobre o Colonialismo é uma obra analítica, mas também literária, militante, política e poética. Retrata o racismo da condição colonial normalizada através de discursos europeus, inclusive humanistas. Em um contexto de necessária mobilização e luta anticolonial em África, Césaire desempenhou papel fundamental no parlamento francês e a obra *Discurso sobre o colonialismo* passou a ser leitura fundamental para a compreensão da luta anticolonial.

A editora Veneta cumpre muito bem a tarefa de atualizar e melhorar a edição de *Discurso sobre o Colonialismo* em português. As ilustrações contribuem para a compreensão do sentido da obra de Césaire, mas ao mesmo tempo permitem momentos de reflexão através da arte de Marcelo D’Salet. Com ilustrações que remetem ao processo de colonização e de luta anticolonial, tornam o livro ainda mais atraente e uma obra mais importante. A tradução de Claudio Willer atribui uma nova compreensão acerca do *Discurso sobre o colonialismo* no Brasil, ao realizar uma tradução apurada, incluindo 105 notas de rodapé que permitem uma compreensão bem maior da obra, com informações de autores, obras e contextos citados por

Césaire. Permite assim uma compreensão mais adequada acerca dos inúmeros diálogos teóricos apresentados no livro, assim como os contextos nos quais os debates se dão.

A compreensão é ainda melhor com a leitura de O “Retorno a Aimé Césaire: uma cronologia”, escrito por Rogério de Campos, que cumpre uma tarefa importante de situar o leitor no contexto histórico da colonização Martinicana, da América e da África, da vida de Aimé Césaire e de atores políticos e sociais relevantes na sua construção política e poética, como os Partidos Comunistas da França e da Martinica, o grupo dos surrealistas e sua aproximação com André Breton, sua amizade com Senghor, entre outros elementos que nos permitem uma adequada compreensão do mundo em que Césaire viveu, lutou e escreveu. Césaire foi por décadas prefeito de Fort-de-France, na Martinica, representante da Martinica na Assembleia Francesa e com uma conturbada história com o Partido Comunista Francês e os surrealistas. Dessa forma, esta obra é a visão de caráter panfletário, literário, analítico e propositivo de quem estava diretamente envolvido nas lutas anticoloniais na América e em África.

O processo colonial europeu entre os séculos XV e XX é marcado por muita violência e crueldade, sendo tudo isso aceito por parte da intelectualidade europeia, justificando o colonialismo através de um discurso moralista, cientificista, religioso e racista. Como político e poeta anticolonial, Césaire escreve um livro com muito conhecimento de quem estudou e viveu o processo de resistência à colonização não só na Martinica, mas nas Américas, e na África, ao lado de diversos outros militantes, resultando em uma obra escrita também com alma, afeto, raiva e revolta, em uma perspectiva analítica e propositiva militante, com forte influência marxista.

No primeiro capítulo, Césaire descreve a Europa como indefensável, estabelecendo uma relação fundamental entre colonização e civilização. “O grave é que ‘a Europa’ é moral, espiritualmente indefensável” (p. 10), escreve o martinicano. Para ele, a “mentira principal” que sustenta a colonização e outras mentiras é a ideia de civilização como justificativa de todo processo colonial, que é sustentado no “pedantismo cristão” e no capitalismo. O cristianismo elaborou o que chamou de “equações desonestas”: “*cristianismo=civilização; paganismo=selvageria*, as quais só poderiam resultar nas abomináveis consequências colonialistas e racistas, cujas vítimas seriam os índios, amarelos e negros” (p. 11). Desse processo de colonização e civilização “não sobraria um único valor humano” (p. 11).

Césaire já deixa claro no início da obra a sua posição frontalmente anticolonial, anti-europeia, anticapitalista e anticristã, o que vai desenvolver ao longo do livro, demarcando sua visão de uma necessária revolução para superação dos processos de dominação colonial e capitalista. As primeiras ilustrações de D’Saete retratam justamente a violência colonial justificada pela Igreja Católica.

No capítulo 2, Césaire destaca o quanto a colonização desciviliza o colonizador, brutalizando-o. A crítica à burguesia e ao “pseudo humanismo” são relacionadas ao papel político de Hitler, que despertou o humanismo na defesa do homem branco e não da humanidade, diferente das inúmeras atrocidades coloniais. Ao criticar o filósofo do século XIX Renan, demonstra o quanto o racismo colonial está presente no discurso europeu, passando por alguns outros pensadores e religiosos. Dessa forma chega a uma das ideias-chave da obra: “Aonde quero chegar? A esta ideia: que ninguém coloniza inocentemente, que ninguém coloniza impunemente; que uma nação colonizadora, uma civilização que justifica a colonização – portanto a força – já é uma civilização doente, uma civilização moralmente atingida que,

irresistivelmente, de consequência, em consequência, de negação em negação, chama seu Hitler, quero dizer, seu castigo” (p. 21).

Dessa forma define o que entende por colonização: “uma cabeça de ponte, em uma civilização, da barbárie que, a qualquer momento, pode levar à pura e simples negação da civilização” (p. 21). Cabe destacar outra equação construída por Césaire: “colonização=coisificação” (p. 24), criando “sociedades esvaziadas de si mesmas, culturas pisoteada, terras confiscadas, religiões assassinadas, magnificências artísticas destruídas, possibilidades extraordinárias destruídas” (p. 25). Ainda neste capítulo um parágrafo salta aos olhos do leitor ao parecer ter sido escrito em 2020, destacando o que faz mais duas vezes ao longo da obra, que é fazer apologia das culturas para-europeias:

Da minha parte, faço a apologia sistemática das civilizações para-europeias. Cada dia que passa, cada negação da justiça, cada blitz policial, cada manifestação operária afogada em sangue, cada escândalo abafado, cada expedição punitiva, cada viatura, cada policial e cada milícia nos fazem sentir o preço de nossas antigas sociedades. Eram sociedades comunitárias, nunca de todos para alguns. Não eram apenas sociedades anticapitalistas, como foi dito, mas também sociedades anticapitalistas. Eram sociedades democráticas, sempre. Eram sociedades cooperativas, sociedades fraternas (CÉSAIRE, 2020, p. 26).

Ainda merece destaque a compreensão de que essas sociedades “não tinham pretensão de ser a ideia”, mas que “se contentavam em ser” (p. 26). O caráter ontológico da colonização se soma à crueldade da violência, deixando evidente a coisificação que a colonização representava.

No capítulo terceiro, Césaire faz a crítica ao discurso colonialista de De Maistre, Lapougue, Psichari, Faguet e Farigoule. Ao afirmar que a regra é grosseria burguesa, em contraposição às civilizações negras que eram cortesias, propõe uma nova forma de sociedade, com influência comunista: “É uma nova sociedade de que precisamos, com a ajuda de todos os nossos irmãos escravos, para criar, rica com todo o poder produtivo moderno, acolhedora como toda fraternidade antiga. Que isso seja possível, a União Soviética dá alguns exemplos” (p. 38).

No capítulo 4, Césaire faz uma contundente crítica à noção de progresso e deixa claro que a boa ou má-fé são para ele indiferentes, uma vez que, de alguma forma são colaboradores de um sistema violento e opressor, servindo como “cães de guarda do colonialismo” (p. 46). Destina a crítica a Gourou e a ideia de “tropicalidade”, Tempels e a questão ontológica, historiadores e romancistas da civilização, assim como psicólogos e sociólogos que reforçam a noção preconceituosa de “primitivismo”. Destacando a força do “capitalismo colonialista” demonstra como a ontologia bantu é mal interpretada, em especial nos trabalhos psicanalíticos de Mannoni e seu “complexo de dependência”. O capítulo encerra com uma crítica forte à burguesia:

Pois, enfim, precisamos nos decidir e dizer, de uma vez por todas, que a burguesia está condenada a ser cada vez mais hostil, mais abertamente feroz, mais desprovida de vergonha, mais sumariamente bárbara; que é uma lei implacável que toda classe decadente se transforme em um receptáculo para o qual fluem todas as águas sujas da história; que é uma lei universal que toda classe, antes de desaparecer, deva primeiro desonrar-se de forma completa,

omnilateral, e que, com as cabeças enterradas sob o estrume, as sociedades moribundas emitem seu canto de cisne (CÉSAIRE, 2020, p. 55).

No capítulo 5, Césaire destina sua crítica a autores como Caillois, Baudelaire, Lautréamont e Balzac. Segue a crítica à burguesia e seus moralistas, destacando que a burguesia estaria condenada a assumir toda barbárie da história, assim como afirma que “existe uma lei de desumanização progressiva em virtude da qual, doravante, na agenda da burguesia, só há, só pode haver, violência, corrupção e barbárie” (p. 64). Ao escritor e sociólogo Roger Caillois destina as principais críticas, demonstrando como ele defende superioridade científica, moral e religiosa, as quais são formas de falta de simpatia humana. Com tom irônico sobre a “generosidade” de Caillois – ou “Caillois-Atlas” -, critica a sua tentativa de se colocar como alguém que carrega o peso de ser branco, de “erguer-se filantropicamente da poeira e recarregar seus ombros robustos com o fardo inevitável do homem branco” (p. 70).

No último capítulo, Césaire faz a crítica aos conceitos de humanismo e nação como burgueses. Com uma crítica ao historiador e filósofo do século XIX Quinet, caracteriza a Europa como burguesa. A solução apontada por Césaire demonstra a sua perspectiva marxista, percebendo na revolução a partir do proletariado como classe universal como o caminho a ser trilhado.

O que, claramente, significa que a salvação da Europa não é questão de uma revolução nos métodos; mas é questão da Revolução: daquela que, à estreita tirania de uma burguesia desumanizada, substituirá, esperando a sociedade sem classes, a preponderância de uma classe que ainda tenha uma missão universal, por sofrer em sua carne todos os males da história, todos os males universais: o proletariado (CÉSAIRE, 2020, p. 76).

A obra encerra com uma excelente cronologia escrita por Rogério de Campos, a qual trata desde a chegada de Colombo nas Antilhas, a colonização da Martinica a partir do século XVII, passando pela história da França, da América, da independência do Haiti e da Martinica, assim como da vida Césaire como estudante, escritor e político, assim como seu contexto, como a relação entre o Partido Comunista Francês e o movimento surrealista, a relação com Breton, Senghor, entre outros.

A obra completa nos permite acessar um dos mais brilhantes relatos acerca do colonialismo, fazendo com que siga sendo atual e necessário. Césaire, com sua grande capacidade com as palavras, escreve um grande texto, repleto de conhecimento, mas também de revolta, raiva e sangue. *O Discurso sobre o colonialismo* é uma obra necessária e potente. Suas ilustrações de Marcelo D'Saete reforçam suas características e tornam a leitura ainda mais agradável. A tradução impecável e enriquecedora permite um amplo conhecimento sobre as inúmeras citações de autores, atores políticos e contextos históricos, tornando a obra ainda mais rica. Césaire se tornou uma referência central para os movimentos anticoloniais, para o movimento negro e questão da negritude, e um dos responsáveis pela vida militante do também martinicano Frantz Fanon. Passaram-se sessenta e cinco anos, mas finalmente podemos ter acesso a esta obra fundamental para a compreensão do mundo contemporâneo de uma forma completa e como toda sua riqueza. A todas e todos que tenham interesse em compreender nosso mundo, eis uma leitura obrigatória e bem elaborada. De forma fascinante e preocupante reflete muito do que vivemos hoje.

Cristiano Ruiz Engelke - Professor Assistente da Área de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestre em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: crisengelke@hotmail.com